

CFESS Manifesta

Dia Nacional da Luta Antimanicomial

Brasília (DF), 18 de maio de 2022

Gestão Melhor ir à luta com raça e classe em defesa do Serviço Social



CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL

www.cfess.org.br

NOSSO CANTO É POR



LIBERDADE!

Aproveitamos a data para fazer uma 'mulheragem' a Dona Ivone Lara (falecida em 2018), cantora, compositora, enfermeira e assistente social, que se dedicou por mais de 30 anos como profissional da saúde e defensora da reforma psiquiátrica. Ela completaria 100 anos em abril de 2022.



Afinal, o que é a Luta Antimanicomial? Nascida no bojo das lutas sociais que emergiram no cenário da ditadura militar, diferentes profissionais do campo da saúde mental iniciaram denúncias sobre as violações, violências e péssimas condições de trabalho no interior dos hospitais psiquiátricos. Fortemente influenciada pela experiência italiana, a Luta Antimanicomial brasileira emerge com princípios que seguem na orientação da transformação radical da sociedade. São eles: a liberdade, a emancipação e os direitos humanos. Assumiu-se, portanto, o direcionamento pela extinção dos manicômios, sendo o dia 18 de maio a data escolhida para afirmar a importância dessa luta.

A reivindicação por uma “sociedade sem manicômios” não pode ser compreendida de maneira descolada da conjuntura nacional e internacional, o que influencia diretamente na disputa de projetos societários, na pauta da construção da política pública e nas concepções de saúde mental existentes. Primeiramente destacamos que o manicô-

mio cumpre um papel fundamental na sociedade capitalista, tendo a função de conter, controlar e subjugar corpos, comportamentos e subjetividades considerados desviantes, perigosos e doentes. Não podemos deixar de assinalar que a marca do manicômio brasileiro é o racismo, conforme denunciou Lima Barreto, em Cemitério dos Vivos, quando diz que o “negro é a cor mais cortante” a partir de sua experiência de internação.

Ao questionarmos as bases que estruturam o aparato manicomial – a internação, o isolamento, a centralidade do saber e do poder médico, a violência e o hospital psiquiátrico –, colocamos em xeque a função social desta instituição, que deve contribuir para a reprodução do capitalismo, do racismo e do patriarcado. Nesse sentido, o manicômio estrutura-se para além de uma edificação, pois, mesmo com o seu fim, ainda experimentamos inúmeros formatos e formas de sua atualização, expressas pela via da medicalização e patologização da vida, pela internação compulsória, pela esterilização coercitiva, pela higienização urbana



No Hospital Psiquiátrico Pedro II (RJ), Dona Ivone Lara atuou diretamente com a médica psiquiatra Nise da Silveira (foto à esquerda), contribuindo para construção de experiências que se propunham a romper com o tratamento clássico oferecido, inclusive, utilizando a música como estratégia de intervenção.

e demais fenômenos que atravessam diretamente a vida da população negra, pobre e periférica. Portanto, a Luta Antimanicomial defende que as mudanças ocorram a partir da substituição do modelo assistencial, das legislações, dos saberes, dos valores ético-políticos e, acima de tudo, pela ruptura com as bases que são estruturantes e estruturais dessa sociedade.

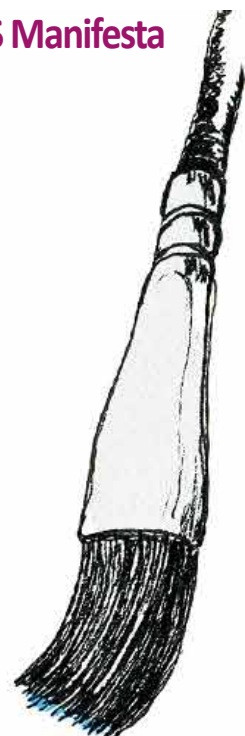
Em segundo, ao problematizar o manicômio e suas expressões a partir das intersecções das relações de raça, gênero e classe, propõe-se a ruptura com uma leitura da formação social, política e econômica da saúde mental brasileira, que silenciou o protagonismo de indivíduos que produziram fissuras dentro e fora do espaço asilar. Trazê-los para a cena pública tornou-se uma tarefa primordial para que possamos não só aprender, como reconhecer a importância daquelas/es que vieram antes e puderam realizar transformações radicais. Aqui podemos ressaltar a importância de D. Ivone Lara, que foi assistente social no Hospital Psiquiátrico Pedro II, localizado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro, e atuou diretamente com a Dra. Nise da Silveira, tendo uma participação importante na construção de experiências que se propunham a romper com o tratamento clássico oferecido, inclusive, utilizando a música como estratégia de intervenção. Ivone Lara só teve sua trajetória na saúde mental reconhecida pouco antes de seu falecimento, em 2018 e, no ano de seu centenário, nada mais respeitoso do que manter sua memória e trajetória vivas. Compromisso esse firmado pela Campanha da Gestão (2020-2023) - “Nós, mulheres, assistentes sociais de luta!”.

Em Mulheres e loucura: narrativas de resistência, Melissa de Oliveira nos mostra que as mulheres são as principais protagonistas na mobilização e articulação dos coletivos, entidades e movimentos antimanicomiais, ao mesmo tempo em

que os homens são aqueles que ocupam os lugares de representação, conhecimento e poder. Dessa forma, o apagamento das narrativas e protagonismos se faz presente nos espaços da Luta Antimanicomial e nos convoca a questionar e transformar essa realidade.

Já, em terceiro lugar, destacamos os projetos que disputam a direção da Política Nacional de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas na atualidade, são eles: 1º) a proposta radical de Reforma Psiquiátrica, pautada na Luta Antimanicomial; 2º) a proposta de uma Reforma Psiquiátrica “simpática” às mudanças de caráter meramente legislativo e assistencial; 3º) a proposta de manutenção da perspectiva manicomial tradicional, com ênfase na retomada das internações e nos eletrochoques e 4º) a proposta conservadora e religiosa da defesa das comunidades terapêuticas. Ao nomear e localizar as distintas propostas, viabiliza-se a realização de uma leitura crítica do campo, desvelando a disputa em seu interior, seja na direção da política ou das lutas.

Para as assistentes sociais, torna-se fundamental identificar a concepção de saúde mental defendida por cada projeto, o que rebate diretamente no trabalho profissional executado nos equipamentos de saúde mental ou em outros espaços sócio-ocupacionais. Objetivamos desmistificar que lidar com a temática não é específico de quem atua diretamente na política de saúde mental, álcool e outras drogas, mas é algo que atravessa as relações sociais e forja as individualidades no capitalismo. Assim, chamamos a atenção para a importância do debate para a compreensão crítica da realidade, tendo a historicidade, a totalidade e a contradição como base, uma vez que a produção do sofrimento e adoecimento psicossocial compõem as estratégias de reprodução do modelo vigente.



Nós, assistentes sociais, devemos reforçar a luta “por uma sociedade sem manicômios” como direção no cotidiano do trabalho profissional, compreendendo que a produção do sofrimento e do adoecimento psicossocial fazem parte das estratégias do capitalismo, sendo forjada pelas relações de raça, gênero e classe.

Nesse caminho, elencamos alguns dos desafios que assistentes sociais devem enfrentar e aos quais devem resistir, para a Luta Antimanicomial e a Reforma Psiquiátrica brasileira na cena atual:

- Estímulo ao financiamento e aplicação da eletroconvulsoterapia como alternativa de tratamento;
- Incentivo ao financiamento e à expansão das comunidades terapêuticas;
- Avanço das articulações nacional, estaduais e municipais das comunidades terapêuticas;
- Precarização e sucateamento dos serviços substitutivos;
- Corte no orçamento do programa nacional de desinstitucionalização;
- Abertura de edital para contratação de organizações da sociedade civil para prestação de serviço como hospital psiquiátrico;
- Inclusão e fortalecimento dos hospitais psiquiátricos e das comunidades terapêuticas na Rede de Atenção Psicossocial;
- Estratégias de inviabilização da 5ª Conferência Nacional de Saúde Mental;
- Ataque às legislações que subsidiam a Reforma Psiquiátrica brasileira;
- Deslegitimação da redução de danos como estratégia de cuidado em saúde mental.

Infelizmente, nos últimos anos, temos vivenciado o avanço das forças conservadoras na direção da Política Nacional de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas, que também ganham espaço no Ministério da Justiça e no Ministério da Cidadania, em especial, tendo o proibicionismo como justificativa para essa expansão nas mais diferentes políticas públicas. Dessa forma, tanto o discurso da “Guerra às Drogas” quanto o da patologização e medicalização da vida subsidiam as estratégias conservadoras e atravessam todas as esferas da vida social, reafirmando o controle, a subjugação e a morte da população negra, pobre, favelada e LBTQIA+.

É primordial que nós, assistentes sociais, possamos assumir a luta “por uma sociedade sem manicômios” como direção no cotidiano do trabalho profissional, compreendendo que a produção do sofrimento e do adoecimento psicossocial fazem parte das estratégias do capitalismo, sendo forjada pelas relações de raça, gênero e classe. Portanto, para afirmar a defesa da vida, é primordial reconhecermos a importância da saúde mental na constituição da vida social e na reprodução do modelo vigente.

**Nosso grito é
para libertar,
acolher,
conhecer,
perceber, ser!
Assistentes
sociais na luta
antimanicomial
- presentes e
potentes!**



Gestão Melhor ir à luta com raça e classe em defesa do Serviço Social (2020-2023)

Presidenta Elizabeth Borges (BA)
Vice-presidenta Maria Rocha (PA)
1ª Secretária Dácia Teles (RJ)
2ª Secretária Carla Pereira (MG)
1ª Tesoureira Franciele Borsato (MS)
2ª Tesoureira Elaine Pelaez (RU)

Conselho Fiscal
 Lylia Rojas (AL), Priscilla Cordeiro (PE)
 e Alessandra Dias (AP)

Suplentes
 Mauricleia Soares (SP)
 Agnaldo Knevizt (RS)
 Dilma Franclín (BA)
 Emilly Marques (ES)
 Ruth Bittencourt (CE)
 Eunice Damasceno (MA)
 Kênia Figueiredo (DF)

CFESS MANIFESTA

Dia Nacional da Luta Antimanicomial

Conteúdo (aprovado pela diretoria):

Rachel Gouveia - Professora Adjunta da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Organização: Comissão de Comunicação

Revisão: Diogo Adjuto

Artes, ilustrações e diagramação:

Rafael Werkema